



CONSTRUINDO UMA PRESENÇA ATENTA: A PRÁTICA DOS DIÁRIOS DE CAMPO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

DEVELOPING AN ATTENTIVE PRESENCE: THE PRACTICE OF FIELD DIARIES IN MEDIA EDUCATION RESEARCH

*Rejane de Mattos Moreira*¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) RJ

*Giovana Barbieri Marostegan*²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) RJ

Resumo

O artigo apresenta reflexões acerca da produção de diários de campo na elaboração e ministração de oficinas de leituras críticas de mídia, desenvolvidas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como projeto de Iniciação Científica. A partir de uma análise dos diários de campo pudemos discutir a ferramenta metodológica de registro e suas possibilidades de contribuir para a formação de olhares críticos dentro da proposição da educação midiática. Os diários de campo promovem uma presença atenta do pesquisador na produção de apontamentos que indicam as possíveis leituras críticas compartilhadas pelos grupos nas oficinas. Propomos no artigo apresentar os diários e sua função de suspensão de julgamentos e constituidor de modos de observação crítico.

Palavras-chave

Educação Midiática; Exercício Etnográfico; Diários de Campo; Leitura Crítica de Mídia

Abstract

The article presents a reflection on the production of field diaries in the preparation and implementation of critical media analysis workshops developed at the Federal Rural University of Rio de Janeiro as a Scientific Initiation project. Based on an analysis of the field diaries, we were able to discuss this methodological recording tool and its possibilities of contributing to the

¹Atualmente é professora Associada IV do curso de Jornalismo, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Lidera o Núcleo de Estudos em Cultura Midiática (NECOM). É coordenadora do grupo EntreMídias- Laboratório de Educação Midiática, que elabora, produz e ministra oficinas de leituras críticas de mídia na UFRRJ. E-mail: remoreira@ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5792-8358>.

² Estudante de graduação em Jornalismo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-Mail: giovanabmarostegan29@gmail.com.



development of critical perspectives within the proposition of media education. The field diaries encourage a attentive presence of the researcher in the production of notes that indicate possible critical readings shared by the groups in the workshops. In this article, we propose to introduce the diaries and their function of suspending judgements and constituting critical viewpoints.

Keyword

Media Education; Ethnographic Exercise; Field Diaries; Critical Media Analysis

1. EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NA PRÁTICA E SEUS PERCURSOS

Tudo começou com algumas perguntas: podemos entender e interpretar as mensagens das mídias? Como elas são distribuídas, produzidas ou consumidas? Dessas questões, outras foram sendo desenvolvidas: e o fanzine, o que é? O livro quando vira filme fica diferente? Quão diferente fica? Muitas e muitas outras perguntas vieram encadeadas e hoje contamos com o projeto EntreMídias - Laboratório de Educação Midiática³ consolidado. São sete oficinas de leituras críticas de mídias elaboradas e todas ministradas por alunos do curso de Jornalismo da UFRRJ.

O projeto do EntreMídias começa como parte de uma vivência acadêmica, entre alunos e professores, experimentada em grupos de estudos desenvolvidos em laboratórios de pesquisa no curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ainda no ano de 2018. O projeto do grupo é elaborar, produzir e ministrar oficinas de leituras críticas de mídia no Centro de Arte e Cultura (CAC), da mesma instituição. No laboratório são desenvolvidos projetos de leituras coletivas, através dos grupos de estudos e conferências semestrais com jornalistas e pensadores da área de comunicação e educação. Na produção das oficinas de leituras críticas de mídia realizamos cronograma de estudos, pesquisa e produção viabilizadas em um semestre. No semestre seguinte, alunos, bolsistas de extensão e pesquisa, bem como voluntários, que fazem parte do projeto, ministram as oficinas no CAC, abertas ao público em geral. O EntreMídias é parte integrante do NECOM (Núcleo de Estudos em Cultura Midiática) que congrega diversos professores e alunos do curso.

³ Conferir <https://entremidias.ufrj.br/>



Dessa experiência inicial, elaboramos oficinas que buscam pensar as mídias de forma crítica e propositiva. Nos aproximamos do gênero leitura crítica de mídia, seus preceitos e vocações. Mas logo percebemos que ler a mídia era apenas o primeiro passo do projeto. Neste sentido, entendemos que o projeto é de formação de alunos, em suas diversas vertentes, tais como: iniciação à pesquisa, formação crítica do discente, criação de aulas e construção de projetos de ensino.

As diferentes oficinas foram elaboradas com muitas temáticas, como o cinema, literatura, telenovela e outros. Nas oficinas, algumas pistas metodológicas foram elaboradas e estas regem o funcionamento do grupo ainda hoje. Em cada processo de pesquisa das aulas os procedimentos foram acordados entre o grupo. Entendemos neste sentido, que o EntreMídias é um espaço de formação coletiva, construído por cada um que passa pelo grupo. Além de ler a mídia de forma crítica, desenvolvemos formas de aprender e ensinar, de dialogar e pensar a mídia de forma coletiva e compartilhada.

O EntreMídias busca pensar a pesquisa agenciada à extensão. Neste sentido, produzir as oficinas a partir de estudos imersivos, bem como compartilhar as pesquisas de modo a criar consensos com a produção das aulas, é fundamental. Utilizamos como metodologias de ação o que Marialva BARBOSA (2020) entende como um procedimento de inspiração etnográfica que é um “caminho imersivo”, que frequentemente configura modos de fazer pesquisa a partir de narrativa de campo. A partir de contribuições da etnografia, buscamos utilizar o caminho do exercício etnográfico como principal método para estruturarmos a pesquisa exploratória sobre os inúmeros temas abordados. Barbosa, ao descrever esse movimento de caminho imersivo, salienta que há destaque para a construção de narrativas que descrevem experiências a partir de textos mais subjetivos. A autora comenta:

Reconhece-se, pois explicitamente nos processos em que , como autor, inclui no universo pesquisado, para observar e ouvir o outro, e apesar dos esforços em cercar a análise com procedimentos claramente configurados, nota-se a eclosão da natureza subjetivista da pesquisa, que se transforma, quase obrigatoriamente, na construção de um relato em primeira pessoa. (Barbosa, 2020, p.105)



Aliada ao caminho imersivo também buscamos propor aulas dialogadas, instituídas por uma metodologia ativa, em que a sala de aula é pensada como espaço de troca horizontalizada. Muitas são as propostas metodológicas do grupo na produção das aulas, mas certamente a concepção de que aprender e ensinar é um processo coletivo, é a sua principal suposição.

No trabalho que desenvolvemos no EntreMídias nos debruçamos também sobre a relação entre comunicação e educação. Desde o início do século XXI, com a massificação dos dispositivos tecnológicos, a educação tem enfrentado alguns dilemas na sua concepção e estruturação. Educar também passa a ser educar para, com e a partir dos meios, como bem entende Fantin (2006). Neste sentido, os dispositivos móveis contemporâneos, como o celular, smartphones e tablets, mas também todo universo comunicativo tradicional como a televisão, rádio, cinema ou mesmo os jornais impressos se reconfiguram não só como meios de acesso à informação, mas também como espaços de mediações, de construções subjetivas a partir de outros modelos de relação. Relações mais velozes, fluidas como indica Bauman (2023) em que se percebe modos distintos de estar junto.

Alguns autores como Buckingham (2022) salientam para essa nova configuração, em que o ecossistema midiático opera como marcador do tempo, das experiências e das existências de modo geral. O aspecto descentralizado das mídias produz, por outro lado, alta concentração econômica e também muda faces culturais com a emergência de espaços transfronteiriços. Nesse fluxo alucinante do novo, estamos todos imersos em altos volumes de informação. Tudo acontece de forma rápida, produzindo uma “economia da atenção”⁴. Nesse processo, a educação midiática tem alguns desafios. Não só buscar certa habilidade ou competências para entender os processos e fluxos de informação, mas também o de compreender interesses, performances, engajamentos e dinâmicas de produção desses conteúdos. A educação midiática deve estar atenta para o “ecossistema midiático”. Conteúdos são produzidos e a depender de suas intenções, somos levados a navegar em visões de mundos diversos. Como nos prepararemos para ler esse mundo sem uma postura passiva ou defensiva?

⁴ Termo cunhado pelo psicólogo Herbert Alexander Simon em 1971. Economia da atenção diz respeito a como a atenção pode ser capitalizada e tratada como mercadoria.



O EntreMídias, ao elaborar aulas que serão ministradas, busca ampliar a concepção de leitura crítica de mídia, como modo de escaparmos de certa posição alarmista. Não buscamos apenas ler mensagens numa postura representacional dos conteúdos, muito menos protetiva. Ao discorrermos sobre uma temática procuramos nos inspirar no exercício etnográfico, que explicaremos mais a frente, como pesquisa de campo, ou seja, como modelo de pensamento que nos indica como fazer a pesquisa, quais as problemáticas devemos levantar, quais os procedimentos narrativos que devemos buscar e como devemos estar no campo de pesquisa. Para o grupo interessa produzir boas questões mais do que respostas definitivas.

Esses procedimentos de ampliação da ideia de campo midiático nos impõe certo aprofundamento na concepção de ambiente midiático. Assim, nos inspiramos também na ideia de que devemos entender certa “ecologia de mídia”, como nos aponta T. Philip Nichols e Robert Jean LeBlanc:

As práticas representacionais se esforçam para lidar com as complexas interrelações que impulsionam os sistemas de mídia. Em áreas como os estudos de mídia e os estudos de ciência da tecnologia, estas limitações levaram os estudiosos a reavivar conceituações de mídia não como modos comunicativos mas como ambientes dinâmicos. (Nichols e Leblanc, 2023, p160)

Na perspectiva dos autores, a ideia de ecossistema e de ecologia de mídia nos apresenta, de forma intensa, os desafios de certos estudos. Por isso, utilizamos o termo Educação Midiática tal como descrito no documento de Estratégia em Educação Midiática, elaborado pelo Ministério da Educação para pensar políticas públicas nesta área, que entende que

O objetivo da educação midiática pode ser entendido, inicialmente, como o desenvolvimento de uma metalinguagem, ou seja, uma compreensão analítica de contextos mais amplos e inter-relacionados à mídia. Esta compreensão inclui o desenvolvimento de um conjunto de habilidades de natureza crítica que se relacionam com diversos momentos na experiência da tecnologia e da informação, possibilitando o acesso, análise e produção de conteúdos midiáticos a fim de participar do ambiente digital de forma crítica, reflexiva e saudável. (European Commission, 2007)



Ao apostarmos em processos participativos na construção das oficinas, que agenciam pesquisa e extensão, compreendemos que a ecologia midiática surge como modo de ultrapassarmos a ideia que os receptores são passivos ao “receberem” mensagens ou informações. A ecologia de mídia aponta para a concepção de sistema comunicativo em que usos, estratégias e mensagens compõem um mosaico que deve ser analisado conjuntamente. Na elaboração coletiva das aulas, entendemos que estamos enraizados numa perspectiva de educação democrática e coletiva, o que fortalece processos de ensino/aprendizado mais horizontalizados.

Nada mais importante do que sermos interpelados, no processo de construção dessas leituras críticas, por questionamentos que hesitam em afirmar que educação midiática é uma abordagem simples. Ler a mídia nessa dinâmica de “fazer pensando e pensar fazendo” é um desafio e impõe a complexidade de trazer o receptor ou sujeito que usa as mídias como dimensão fundamental do processo. Receptor não como refém, nem mesmo como proponente ativo, mas como partícipe do processo. Nas oficinas entendemos que a recepção está em certas assimetrias com os sistemas de comunicação, e assim que entendemos suas possíveis leituras.

2. EXERCÍCIO ETNOGRÁFICO E DIÁRIOS DE CAMPO: USOS, TÉCNICAS E DESVIOS

Em recente palestra, o professor Viveiros de Castro diz que, ao contrário do pensamento filosófico, que elabora grandes questões e tem uma perspectiva mais intimista de pesquisa dessas problemáticas, a antropologia, atividade intelectual do professor, sempre o “forçou a olhar para o mais distante possível”. Segundo Viveiros de Castro a antropologia é uma atividade que não se faz de grandes elaborações, mas certamente amplia o mais intensamente possível o olhar do pesquisador. É uma atividade de pesquisa que busca o fora.⁵

⁵ Conferir: <http://www.institutocpfl.org.br/>





Na ampliação desse olhar, surge a construção do diário de campo como exercício de escuta e compreensão. A prática da elaboração do diário de campo remonta às primeiras escritas de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Bronislaw Malinowski, no início do século XX. Muito se discute sobre esses escritos que apresentam de modo geral situações cotidianas vividas pelo autor com força descritiva, contextual e muitas vezes emocional. O diário de campo, após essa experiência do autor, figura-se como dispositivo de registro de vivências (descrição densas) e suas diversas temporalidades, assim como potencializa a possibilidade de compreensão da pesquisa e seus movimentos. Essa experiência de Malinowski é casual, como explica URIARTE (2012), mas mudou fortemente a ideia do pensar o campo, ou realizar pesquisa de campo:

Dessa experiência nasceu, em 1922, o livro *Argonautas do Pacífico Ocidental* e, com ele, a primeira formulação do que é o método etnográfico, devidamente apresentado em sua Introdução. O que o levou a romper com a forma de conhecer própria da Antropologia anterior? Na verdade, um acaso; para nós, um feliz acaso: enquanto súdito austríaco, na Primeira Guerra Mundial, ele não poderia integrar a tripulação de um navio inglês, vendo-se obrigado a ficar quatro anos, até 1918, entre os territórios das ilhas Tulon, Trobriand e Austrália. (Uriarte, 2012, p. 3)

Do acaso à sua prospecção de rigor científico, os diários de campo, hoje mais consensuais no exercício de observação do campo, tangenciam também a grande discussão na antropologia: como narrar esse outro? Nas proposições iniciais de Malinowski pudemos entender como a experiência da escrita ou das narrativas contidas nos diários figuraram como estratégia de marcação de memórias e de elaboração de temáticas. Ao retomar os diários, o pesquisador agenciou certa percepção e articulações vivenciadas no campo, como também algum tipo de proposição teórica que seria retomada no texto em sua perspectiva analítica. A antropologia mudou depois desse acaso e o que se constituiu como escrita “virou” método para muitos que pesquisaram depois.

Em seu quadro audiovisual chamado “Quinquilharia”⁶, a pesquisadora Débora Diniz define diários de campo como “cadernos de notas em que você registra pensamentos, ideias e notas de campo”. Mas para além do registro, a autora diz que os

⁶ Conferir <https://www.youtube.com/@VozesdaIgualdade>



diários funcionam como ajuste de memórias que categoriza conceitos e situações que precisam ser refletidas.

Essa estratégia de pesquisa da construção de diários de campo, então, são frequentemente acionados nas pesquisas em diversas áreas como Psicologia, Serviço Social, História, Antropologia, Sociologia, Educação entre outras e também a Comunicação.

Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, os diários passaram a ultrapassar o simples caderninho de anotações. Agora pode-se contar com tecnologias variadas como vídeos, áudio, imagens de diversas formas. Isso produziu um modo novo de fazer o “acompanhamento” do campo e se debruçar sobre esse material tornou-se ainda mais interessante.

No trabalho que desenvolvemos no EntreMídias, o diário tornou-se aliado para pensarmos as diversas camadas de que compõem as temáticas das aulas elaboradas, bem como as leituras críticas compartilhadas nas oficinas. Optamos por utilizar os diários de campo como esforço de “observação participante” em que a dimensão do observador é colocada em relação/confluência ao campo. Muito se discute sobre que participação é essa; como ela se efetiva em um campo em que a noção de distância não é tão clara. Mas no processo da construção do diário que almejávamos, duas grandes proposições eram mais claras: 1. a presença atenta do pesquisador (no caso a bolsista PIBIC no projeto) e 2. uma construção de memória dos compartilhamentos do grupo.

A professora Janice CAIAFA (2019) alerta para a concepção da presença atenta quando entende que a etnografia é método-pensamento e gera certos movimentos de atenção às novidades, aos desvios e intensidades do campo, assim ela explica: “A atenção ao momento presente envolve uma receptividade aos acontecimentos, à sua novidade. Tipicamente, é preciso “suspender o julgamento”, rompendo com “preconceito ‘realista” que nos diz que o que vemos “e de fato o estado do mundo”. (Caiafa, 2019 p.42)

Na realidade, trata-se de um exercício de disponibilidade do pesquisador, que busca das mais diversas formas, não só com o seu caderninho, mas também com todo o



conjunto tecnológico disponível, presenciar as situações no campo a partir de um olhar atento.

Procuramos narrar abaixo a utilização do nosso diário de campo na elaboração e ministração das oficinas de leituras críticas de mídia. Entendemos os diários de campo como ajuste de memória, mas também como registro dos desvios, das proposições e análises experimentadas, tanto na produção das aulas como nas oficinas realizadas. Queremos ilustrar como ele funcionou em nossa pesquisa.

3. DIÁRIO DE CAMPO COMO DISPOSITIVO: RELATOS

Foram produzidos diários de campo, de maneira descritiva e interpretativa, separados em duas etapas. Estes relatam desde a produção das aulas no Laboratório de Pesquisa de Educação Midiática, até a aplicação das aulas. Na primeira fase, dentro dos laboratórios, os discentes são instigados a criar uma oficina de análise crítica de mídia com seis aulas, que são depois apresentadas diante do restante da turma e do docente responsável. A partir da análise destas apresentações são levantadas novas sugestões que podem complementar as aulas, para que posteriormente estas aulas sejam ministradas e ofertadas à comunidade.

Em um primeiro momento, os diários contribuem para o desenvolvimento da oficina, pois é preciso se situar na posição de aluno de uma maneira empática e crítica. Com isso, se torna possível verificar pontos positivos que seriam boas incorporações para as aulas e pontos negativos que necessitam de mudanças para a dinâmica do projeto. Para além das anotações no caderno e blocos de notas, os diários de campo integraram materiais audiovisuais durante as duas etapas do projeto, com fotos, vídeos, pesquisas com os alunos e registros de atividades. Esse diversificado material também entra no rol das análises posteriores.

Os diários de campo produzidos durante o laboratório contêm anotações sobre as temáticas desenvolvidas em cada aula, o olhar crítico a respeito da produção, recomendações de modificações que foram apresentadas por alunos e pelo docente, além de percepções da dinâmica total.



Fazer anotações do ponto de vista do aluno permite planejar como tornar conteúdos mais dinâmicos, trazer informações de forma mais clara e concisa e elucidar o que chamaria mais atenção naquela aula. Além disso, contribui para melhor entender como o formato dos slides e materiais visuais de apoio são importantes para a atenção dos alunos.

Na segunda etapa, dentro da sala de aula com os alunos inscritos na oficina de análise crítica de mídia, os diários focaram em relatar as experiências e trocas de conhecimento da turma, com um olhar de oficinairo. Também foi possível refletir quais ideias pensadas anteriormente foram bem executadas e contribuíram para compreender como aperfeiçoar as futuras oficinas e produções do EntreMídias.

Algo crucial na produção dos diários de campo foi estabelecer certas sensibilidades do olhar. Durante a confecção das aulas, enxergar o projeto na visão do aluno exige se situar na posição do outro de maneira empática, visando compreender que as individualidades dos alunos mudariam sua experiência de aula. Caiafa traz apontamentos importantes sobre a construção de certa “simpatia” dentro do campo da etnografia:

No contexto da etnografia, a simpatia é uma sensibilidade que deriva, justamente, de termos algo a ver com o outro. ‘Algo’ é o suficiente para não nos sobrepormos a ele com afã analítico e julgá-lo, ao mesmo tempo numa medida tal que não nos arrebatamos a ponto de nos perdermos no outro, dividirmos sua interioridade e, por esta outra via, prevalecermos sobre ele. (Caiafa, 2019 p.42)

Anotar e registrar as interações dos alunos com os conteúdos também contribuiu para que pudéssemos perceber como o projeto trabalha, na prática, as aulas de maneira horizontalizada, onde aluno e oficinairo ensinam e aprendem em conjunto. As inúmeras vivências permitem a cada um trazer algo novo sobre os temas e construir um aprendizado mais rico e profundo. Reunimos algumas das anotações do diário de campo para exemplificar as contribuições deste exercício de “presença atenta”, como nomeado por Janice Caiafa, dentro do projeto.

A primeira aula da oficina começou com a história do rádio e das ondas sonoras. Dar contexto é sempre importante, e como no EntreMídias a ideia é trazer o público de Seropédica e da Baixada Fluminense que



talvez nunca tenha tido contato com a temática, é fundamental seguir algumas etapas introdutórias para que ninguém fique perdido. (Barbieri, 2023, p. 2)

Esta nota, ainda da primeira fase, dentro do laboratório, serve para compreendermos que, quando o EntreMídias se coloca como um projeto que atende todos os tipos de públicos, é necessário contextualizar o assunto antes de entrar na temática de discussão principal. É uma etapa imprescindível e, caso osicineiros não se atentem a isso para a primeira aula proposta, é essencial que a turma e o docente responsável busquem reformular o início para fornecer informações que serão utilizadas nas aulas. O diário de campo do laboratório atuou justamente como um guia para recordar certas referências de desenvolvimento das aulas e levantamento de estratégias para aperfeiçoá-las.

Para começar, apresentaram a atual tendência de consumir conteúdos mais curtos e rápidos, e como isso influencia diretamente em como se consome notícias, filmes, esportes, músicas, basicamente em como nos comportamos diante das mídias. (Barbieri, 2023, p. 4)

Este comentário, por sua vez, foi a proposta levada ao Laboratório para introduzir a aula que levava a temática da “síntese noticiosa”, utilizando alguns estudos sobre o comportamento de consumo de conteúdo pelas redes sociais nos tempos atuais. Foi uma anotação que a princípio não continha profundidade, não sabíamos como isso funcionaria na prática, se haveria participação ativa dos alunos dentro da oficina. A anotação abaixo mostra como isso foi aplicado em sala de aula.

Um dos alunos observou que ele consome muitos vídeos curtos e acelerados, em plataformas como Instagram e TikTok, e que até a maneira de consumir notícias tem sido diferente. Quando questionei o que havia mudado para ele, mencionou que assistir a um jornal na TV leva muito tempo, então é mais prático acessar as redes sociais e ver quais são os assuntos do momento por lá. Outro aluno comentou algo parecido, mas disse que confiar em qualquer notícia não tem funcionado bem pela quantidade de notícias falsas por aí, e que preferia às vezes tomar um tempinho a mais para checar. O assunto central da aula pode, por muitas vezes, se ramificar, e foi o que aconteceu no início desta aula, o que permitiu mais trocas de vivências entre os alunos. (Barbieri, 2024, p. 3)



Em retrospecto, podemos reparar como aquela ideia instigou os alunos e criou um debate sobre o comportamento, não somente em relação às notícias, mas à maneira de consumir conteúdo no geral. É interessante perceber isso funcionando na prática e relembrar que a idealização original dosicineiros que produziram a aula era justamente conversar com os alunos sobre as vivências de cada um. Talvez tenha ido além do esperado, principalmente quando a maior parte da sala decidiu comentar como interagiu com mídias e notícias. O diário de campo retém as partes importantes das aulas e consegue apresentar com clareza o que funcionou dentro dos assuntos planejados.

Para a temática de “locução esportiva”, os desafios e registros se mostraram diferentes e pudemos ter uma perspectiva diferente de seu uso.

Quando optamos por falar sobre locução esportiva no rádio, muitos nomes masculinos vieram à mente. Ao apresentar o tema aos alunos, isso não foi diferente. E foi aí que questionamos sobre quem conhecia alguma narradora mulher dentro da profissão. Muitos não sabiam dizer nomes femininos dentro do rádio/podcasts. Apresentamos então a Renata Silveira, conhecida pelo sucesso na TV, mas que iniciou a carreira no rádio através de um concurso. Prosseguimos então com a visão dos alunos sobre o apagamento de mulheres dentro da profissão de locução esportiva do rádio, e como isso vem desde os princípios das transmissões esportivas. Um dos alunos comentou que hoje vê mulheres trabalhando com esportes principalmente na TV, mas que tem crescido dentro de podcasts também, e citou alguns podcasts esportivos que consumia. Uma aluna disse que acreditava que uma forma de ajudar era dar visibilidade a essas profissionais, falar em redes sociais e dar um tipo de destaque para que mais mulheres se sintam inspiradas por isso e lutem por espaço dentro dos esportes, ainda tão dominados por homens. Trazer essa problemática da pouca participação e inserção de mulheres no ramo da locução esportiva foi um caminho importante para conseguirmos analisar o cenário histórico e atual das transmissões esportivas, além de contribuir para o enriquecimento do debate. (Barbieri, 2024, p. 8)

Algo importante a se falar nessa aula era justamente sobre desigualdade de gênero e preconceitos dentro da profissão. Com o auxílio da professora responsável pelo laboratório, foi possível abordar o tema da forma proposta pelo EntreMídias, analisando criticamente certo tipo de mídia, neste caso os rádios e podcasts esportivos. O diário de campo nos leva a observar como elementos essenciais do projeto foram preservados e abordados de maneira a gerar um maior debate e aprendizado, tanto para a turma quanto



para osicineiros. A presença atenta realizada através do diário se mostra uma ferramenta de pesquisa muito adequada, levando em conta que, sem as anotações, talvez partes relevantes para aprender a maneira de produzir e aplicar as aulas não fossem fixadas na memória. O debate gerado foi proveitoso, pois até mesmo quem não tinha tanta familiaridade com esportes quis participar e comentar o que conhecia do assunto.

Na aula sobre “programação musical”, diversos elementos propuseram engajamento entre os alunos e osicineiros, como os chamados “jabás”, tomando uma proporção maior que o esperado.

Foi apresentado o conceito de jabás nas programações musicais de rádio e exemplificado como artistas fazem isso na era digital através das plataformas de streaming, tendo suas músicas recomendadas logo após uma playlist, ou em formato de anúncio para quem não tem acesso premium das plataformas. Os alunos compartilharam que várias vezes depois de escutarem uma música que gostavam, o streaming recomendava alguma música do momento, que geralmente estava em primeiro lugar na plataforma. Uma das alunas disse que achava isso até meio predatório. Quando questionados se os jabás poderiam influenciar na popularidade de um artista ou estilo musical, um dos alunos disse acreditar que sim, pois de tanto escutar músicas recomendadas, era levado a procurar mais sobre os artistas. Já outra falou que provavelmente ajudaria a alavancar os artistas com mais dinheiro, mas que se uma música fosse ruim, nenhuma propaganda ajudaria, então também tinha que levar em conta o investimento na produção. Alguém em seguida apontou o cantor Zé Felipe como artista milionário que produz músicas que considerava ruins mas que, com tantas propagandas, acaba ficando em primeiro lugar nas plataformas de streaming e redes sociais. Acredito que se não tivéssemos adaptado o tema aos dias atuais, mais da metade da sala não marcaria sua participação, já que não era um termo muito conhecido por eles. (Barbieri, 2024, p. 10)

Quando o termo “jabá” foi introduzido na aula, muitos alunos não sabiam exatamente o que significava, justamente por ser um termo muito utilizado para se referir às rádios musicais, e não aos streamings de música que são muito utilizados hoje. Buscamos aproximar esse termo da realidade de cada aluno, e essa abordagem foi o pontapé para que a discussão começasse de fato. No momento de estudar a confecção e abordagem para as futuras oficinas do projeto EntreMídias, o diário funciona como uma ferramenta de apoio para guiar quem está na produção. É importante também para



assegurar que osicineiros busquem analogias e outros recursos que aproximem os alunos daquela temática sempre que um assunto parecer distante da realidade da turma.

Outro instrumento que integrou o diário de campo foi um recurso de feedbacks, através de uma pesquisa on-line com os alunos ao final da oficina. Perguntamos sobre a experiência com o EntreMídias, os pontos positivos e negativos da oficina, nível de satisfação com os materiais das aulas, organização e carga horária. Questionamos os alunos sobre o que acharam de alguns dispositivos metodológicos do projeto e pedimos sugestões de coisas a serem modificadas para as próximas oficinas. Ao manter o registro das respostas dos alunos participantes, podemos compreender melhor o que funcionou e o que pode ser modificado para o futuro. As anotações no diário baseadas nesta pesquisa podem auxiliar os docentes e discentes inscritos no próximo Laboratório de Pesquisa a organizar melhor a estrutura das aulas, entender as temáticas que os alunos gostariam de ver, buscar métodos de aprofundar o diálogo e pensar em novas atividades para as aulas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença atenta proposta por Caiafa (2019), aplicada ao diário de campo, permitiu que as observações do pesquisador fossem relatadas de maneira empática e crítica, com a finalidade de fundamentar novas propostas ao projeto, baseadas na experiência de ação no campo.

O diário, proposto como ferramenta metodológica de registro do projeto EntreMídias, atuou como material de apoio pedagógico na elaboração e confecção das oficinas de análise crítica de mídia. A partir disso, é possível analisar os conteúdos trazidos, as percepções da turma, as discussões fomentadas diante de cada temática e os pontos altos e baixos das aulas. Esses apontamentos auxiliam os docentes responsáveis pelo projeto a direcionarem os novos grupos dos Laboratórios de Pesquisa, fornecendo perspectivas que não seriam apresentadas sem o registro das informações e levantamentos através do uso do diário.

Assim, é esperado que a utilização do diário seja continuada, aprimorando seu formato e conteúdo, incorporando novas técnicas e análises para elaborar e ministrar



oficinas que possam contribuir para a formação crítica e coletiva de todos os envolvidos no projeto.

5. REFERÊNCIAS

BARBIERI, G. **Diário de Campo do Laboratório de Produção em Áudio**, 2023, p1-15.

———. **Diário de Campo da Oficina de Produção em Áudio**, 2024, p1-12.

BARBOSA, M. **Comunicação e Método – Cenários e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2020.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela Educação Midiática**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022. 136.p.

CAIAFA, J. **Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação**. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação Vol. 7, n 14, julho-dezembro/2019.

REPÚBLICA, Presidência. **Estratégia Brasileira de Educação Midiática**. Produzido por Coordenação-Geral de Educação Midiática, Departamento de Direitos na Rede e Educação Midiática Secretaria de Políticas Digitais -s Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República Outubro de 2023 https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/estrategia-brasileira-de-educacao-midiatica-apresenta-as-politicas-publicas-voltadas-para-a-populacao/2023_secom-spdiği_estrategia-brasileira-de-educacao-midiatica.pdf

FANTIN, M. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil- Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

NICHOLS, T. Philip e LEBLANC, Robert Jean. **Educação midiática e os limites da “alfabetização”: orientações ecológicas para plataformas performativas**. Revista Comunicação & Educação, Ano XXVIII, número 2, jul/dez 2023.

PASSOS, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2012). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina.



URIARTE, U. M. **Podemos Todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas.** Salvador: Revista Redobra, 2012. Disponível: http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/Redobra_10_22.pdf.

Recebido: 03/08/2024

Publicado: 28/12/2024